

Notas de Reunião - Ação Símbolo
Silo Cultural, 04 de março de 2008

Após a apresentação em powerpoint da programação do evento Ação Símbolo, feita pelo curador Miguel Paladino, os membros do Conselho Gestor manifestaram seus comentários conforme segue:

Milena Moraes informa que até dia 19/05 a Casa da Cultura vai abrigar a exposição do Chico Divino, e pode estudar a prorrogação até 20/05.

Miguel solicita a exposição permanente com entrada franca para os convidados da ação símbolo.

Vanda está torcendo para que o deck da pracinha fique pronto.

Maury: o IHAP era gestor das charretes até 2 a 3 anos atrás, depois as devolveu à prefeitura e hoje pertencem a charreteiros autônomos; seu Juca seleiro tem 2 ou 3 charretes.

Cynthia informa que está previsto um trabalho social nas comunidades, para apoiar um mutirão.

Casé lembra do morador do asilo, Saporen, que sabe fazer bodoque.

Vanda fala de um senhor, seu vizinho, que sabe fazer miniaturas de prensa de fuso.

Milena questiona o critério de seleção dos artistas na exposição.

Mauro explica que a exposição segue uma linha curatorial com autonomia para o Miguel Paladino, mas pode-se pensar na elaboração de um catálogo completo de artistas residentes em Paraty.

Cynthia fala do receio de expor recursos que ainda não são produtos turísticos formatados, como a trilha Corisco-Picinguaba.

Sonia Monteiro diz sentir falta dos alambiques na exposição.

Priscila aprova a exposição e ressalta que a cultura popular ainda não está “na prateleira” para o turista. Fala que a Chias pode estudar a apresentação de roteiros passíveis de comercialização.

Patricia diz que o objetivo da ação símbolo não é mostrar tudo que Paraty oferece em termos de turismo cultural, e sim demonstrar que o potencial da cidade somado à organização dos atores locais pode levar ao sucesso do destino.

Mauro enfatiza que a maior riqueza é a cultura local, e esse evento é um recorte, com o objetivo de explicitar o princípio do Conselho Gestor de desenvolver um turismo sustentável, que proteja aquilo que o atrai.

Vanda diz ter apresentado a programação numa reunião com o grupo de produtores culturais e informa a proposta feita pelo Gilberto Galvão da Associação Viva Paraty.

Gilberto pede a palavra e explica que a idéia inicial de um passeio com exposição da cultura imaterial não poderia ignorar o centro histórico, e por isso a Viva Paraty fez uma proposta complementar, mas que agora a sua idéia original evoluiu para um novo formato. Diz que Paraty, como todos os produtores culturais locais, deve estar representada na exposição em painéis e datashow, e insiste que é fundamental reforçar o papel do Centro Histórico no turismo cultural.

Maury propõe que o evento saia da casa da cultura ao som do coral Educação.

Mauro diz concordar com Gilberto e ressalta a importância da centralidade da cidade. Lembra que vários projetos da Casa Azul aguardam as condições sociais adequadas para sair do papel, mas tem que ter foco, e a execução do atual projeto é mais simples de ser implementada e pode preparar o terreno para intervenções mais complicadas, como a revisão do plano diretor.

Beth lembra que o projeto da ONU, Férias Sustentáveis, busca integrar o turista consciente com o morador consciente. Patrícia Servilha confirma que a proposta da ONU é usar o turista como mola propulsora do desenvolvimento sustentável.

Priscila diz que o exercício do Mtur é interessante no processo de Paraty, são dois resultados importantes, o arranjo institucional e a ação símbolo. Reforça a fala do Gilberto sobre incluir o centro histórico na ação símbolo.

Miguel acha interessante manter a exposição no Silo Cultural até a data da Flip e o roteiro fluvial funcionando.

Sonia (Itae) sugere na ação símbolo apresentar o centro histórico num tour resumido.

Amaury reforça, sugerindo a inclusão dos guias na saída da Casa da Cultura.

Marília (Sectur) lembra dos alambiques e as Unidades de Conservação Ambiental.

Sonia Monteiro preocupa-se com a continuidade do roteiro, que acha bom. Og Torres concorda.

Auxiliadora parabeniza o roteiro e diz ser uma síntese de Paraty e sugere que uma comitiva de moradores faça o roteiro de barco antes do evento.

Moreno (Associação Nhandeva) diz que tem que caprichar nos painéis das comunidades e sugere a apresentação do coral dos índios Guarani.

Miguel lembra da forte presença da Dona Marciana, da aldeia Araponga.

Mary (Casa da Cultura) pede que o evento seja bem discutido, para não haver conflito entre as instituições.

Fernanda (IPHAN) diz que tem que a exposição deve costurar bem a relação com as comunidades.

Cynthia lembra que haverá um treinamento feito pelo Miguel Paladino para os guias e barqueiros participantes.

Mauro diz que o caminho pela água muda a percepção das pessoas.

Marcos sugere que se soltem rojões na chegada dos barcos.

Enoc oferece o Jornal da Cidade para divulgação e informa o fechamento da próxima edição entre os dias 12 a 15 de março. Pergunta se o seu projeto Bicicleta Pública pode ser encaminhado ao Conselho.

Gilberto Galvão informa que mudou de opinião depois do passeio e agora acha o evento proposto interessante como ação inclusiva.

Joaquim (Comamp) diz que o roteiro é uma viagem no tempo: como Paraty nasceu e cresceu; e como pode morrer, caso nada seja feito. Diz que quem veio morar nos bairros de Ilha das Cobras e Mangueira foram os caiçaras da zona costeira.

Marília lembra que o barqueiro que a trouxe tem uma ótima folheteria.

Cynthia lembra que Auxiliadora ficou de confirmar com SEBRAE e TURISRIO uma capacitação ainda em abril, e pode viabilizar o treinamento de guias e agências, estaleiros e barqueiros.

Mauro- SEBRAE, tem que dar um tratamento acústico no motor do barco, nos estaleiros da ilha.

Priscila fala sobre a continuidade, a importância de unir guias e agências para trabalhar o roteiro, a possibilidade de incluir no folheto os outros roteiros culturais. Pede para estruturar a capacitação dos guias e propõe um grupo de trabalho para fazer o projeto social na Mangueira e Ilha das Cobras.

Patricia (Chias) diz que a princípio achou o roteiro horrível, mas esse é o desafio de se trabalhar em grupo, pois o desafio pode se tornar um ganho; e faz algumas sugestões: 1) os guias têm que estar bem capacitados quanto ao ecossistema, para “interpretar” a margem do Rio Mateus Nunes; 2) muito importante valorizar o Centro Histórico; 3) pensar com cuidado sobre a permanência do roteiro; 4) abrir a exposição para a comunidade visitar na véspera do evento; e 5) articular a ação com os argumentos da campanha de Patrimônio da Humanidade.

Finalizando, Cynthia informa que enviará um e-mail ao Conselho Gestor solicitando que enviem suas sugestões até 10 de março. Na reunião já marcada para 14 de março, o Conselho decidirá se é necessário o encontro de um grupo de trabalho específico para a Ação Símbolo.